

Menino veste azul e menina veste rosa: reflexões sobre discurso, sujeito e identidade sob uma perspectiva foucaultiana

Boy wears blue and girl wears pink: reflections on discourse, subject and identity from a foucauldian perspective

Jannice Moraes de Oliveira CAVALCANTE¹

Jirlany Marreiro da Costa BEZERRA²

Lisânia Ghisi GOMES³

Maria Ana da Silva Morais LIMA⁴

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir as categorias: discurso, sujeito e identidade sob uma perspectiva foucaultiana, utilizando como objeto norteador o discurso proferido pela Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) - Damares Alves - no momento de sua posse. As análises sobre o discurso da ministra demonstraram um posicionamento ideológico, político, social e religioso sobre as relações de gênero masculino e feminino. Deste modo, as discussões abordadas nas referidas categorias e dos pressupostos teóricos analisados esclarecem a necessidade de questionarmos as estruturas de poder que estão inseridas na sociedade e que difundem discursos preconceituosos.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. Poder. Sujeito. Foucault.

Abstract

This article aims to discuss the categories discourse, subject and identity from a Foucaultian perspective, using as a guiding object the speech of Damares Alves, the Minister of Women, Family and Human Rights (in Portuguesees Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - MMFDH), after her term of office. The analysis of the minister's speech showed an ideological, political, social and religious position about male and female gender relations. Therefore, the discussions raised here in each category

¹ Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
E-mail: jannice.cavalcante@ufac.br

² Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
E-mail: jirlany.bezerra@sou.ufac.br

³ Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
E-mail: lisania.gomes@sou.ufac.br

⁴ Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
E-mail: morais.maria@sou.ufac.br

and with the theoretical assumptions already highlighted clarifies the need to question the power structures inserted at society and that spread prejudiced discourses.

Keywords: Discourse. Identity. Power. Subject. Foucault.

Introdução

No dia 02 de janeiro de 2019, Damares Alves, empossada como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), fez declarações logo após a cerimônia de sua nomeação, que repercutiram nas redes sociais e junto à imprensa, a exemplo dos sites de notícias: *Cult*⁵, *Exame*⁶, *O Globo*⁷ e *Metrópoles*⁸. Rodeada de apoiadores, a chefe do MMFDH em meio a risos e aplausos fez questão de afirmar: “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa” (ALVES, 2019).

Permeada de compreensões ideológicas, sociais e religiosas, a afirmação de Damares Alves nos faz pensar o quanto uma fala/enunciado tem o poder de reverberar, institucionalizar e ampliar discussões a partir de aspectos diversos que envolvem reflexões sobre contextos culturais, históricos, representações, discurso, sujeito e identidade. No entanto, nesse breve texto pretendemos discutir as categorias: discurso, sujeito e identidade de forma introdutória, sob a perspectiva foucaultiana. A partir dos escritos do filósofo e historiador francês, pretendemos discorrer sobre como a fala da atual representante do MMFDH perpassa as relações de poder e os diferentes modos de constituição do sujeito, já que para Foucault as coisas ditas estão institucionalizadas.

No cenário relatado é importante enfatizar que a Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa, desde seu surgimento, na conjuntura dos anos de 1968-1970 no panorama histórico da França, teve como pano de fundo o Marxismo e a Linguística. Nesse contexto, a AD tinha como objeto de estudo o discurso, já que via a língua não só

⁵ QUINALHA, Renan. Menino veste azul e menina veste rosa: uma polêmica inútil?. *Cult*, São Paulo, 4 de jan. 2019. Disponível em: encurtador.com.br/chjvz. Acesso em: 14 fev. 2022.

⁶ CERIONI, Clara. Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares em vídeo. *Exame*, São Paulo, 3 de jan. 2019. Disponível em: encurtador.com.br/dlZJ9. Acesso em: 14 fev. 2022.

⁷ PAINS, Clarissa. “Menino veste azul e menina veste rosa”, diz Damares Alves em vídeo. *O Globo*, São Paulo, 3 de jan. 2019. Disponível em: encurtador.com.br/sDJT0. Acesso em: 14 fev. 2022.

⁸ BRENNER, Saullo; SCHUQUEL, Thayná. “Menino veste azul e menina veste rosa”, diz Damares Alves em vídeo. *Metrópoles*, São Paulo, 3 de jan. 2019. Disponível em: encurtador.com.br/emAQW. Acesso em: 14 fev. 2022.

como transmissora de informações, mas era tratada com uma visão discursiva, perpassando os aspectos formais, levando em consideração o contexto histórico, ideológico e social no qual o discurso veio a ser produzido. Desta feita, a linguagem era vista como um processo, um meio de interação social, um caminho por onde o homem tem a possibilidade de expressar seus pensamentos, valores e sua cultura de modo geral. Expressões essas que são sempre condicionadas por um leque de fatores/que o assujeita.

O filósofo Michel Foucault, em 1969, publica o livro *Arqueologia do Saber* que expressa ideias determinantes para a AD. No ano seguinte, 1970, durante uma aula inaugural no *College de France*, Foucault se propôs a analisar vários conjuntos de discursos, a saber: literários, religiosos, éticos, médicos e jurídicos, dentre outros, para verificar as ideologias neles incutidas. Surge também o conceito de “acontecimento discursivo”.

Em *Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) destaca que para entender determinados enunciados é preciso buscar historicamente as condições em que os mesmos foram ditos, normatizados e instituídos, visto que o saber histórico será constituído ao longo do tempo, por séries cronológicas, sendo estas datadas e observadas de forma temporal. O sujeito será aquele responsável por dar continuidade a esse processo, retardando e guardando em sua memória.

Todavia, à medida que Foucault (2008) vai abordando as diferentes esferas enunciativas, somos movidos ao descontínuo; ou seja, à desconstrução do pensamento já formulado. O homem, por não conseguir dar conta da totalidade do seu eu, busca explicações voltando à questão da continuidade histórica para resgatar a origem dos fatos. Com isso há um conflito constante pela busca de libertação.

É nesse sentido que se faz necessária a desconstrução de determinados discursos, como este pronunciado pela ministra Damares, pois todo discurso acabado, concreto e anunciado engessa identidades e sujeitos. Discursos esses que vão sendo repassados, em tempos e espaços distintos, de forma natural, já que aqueles que estão à frente dessa disseminação e envoltos de poder, impossibilitam outras narrativas amarrando cultural, histórica e socialmente uma suposta “verdade”.

Desta forma, o presente texto se estreita em discutir brevemente a visão de discurso em Foucault, bem como noções de sujeito, exercendo uma posição de poder e sujeito assujeitado, frente às relações de poder inseridas no contexto social narrado pela por algum tempo ficaram na imprecisão por muitos estudiosos, principalmente na área da Linguística, por não compreenderem a importância ministra Damares Alves.

O discurso na visão foucaultiana

Os estudos voltados para o discurso da análise discursiva na atividade acadêmica, assim como na sociedade. Tendo em mente que o discurso deve ser entendido como um fenômeno resultante de todas as relações sociais entre indivíduos, sejam elas individuais ou coletivas, mostra-se cada vez mais importante a investida dessas reflexões como um trabalho de análise e recurso metodológico necessário para todos os campos de saberes.

A análise do discurso, voltada para Foucault, que é a base teórica deste trabalho, pretende discutir como esses conjuntos de enunciados se organizam, se manifestam e geram frutos; a intenção é problematizar os discursos e dizeres, assim como a constituição do sujeito com as relações de poder imbricadas nessa junção. É tentar chegar à complexidade das práticas discursivas e não discursivas do objeto dado, tendo em vista que em Foucault (2014, p. 36):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Ao nos colocarmos frente ao posicionamento discursivo em Foucault (2014), pensamos imediatamente o que pode ser dito, o que não pode ser dito, quem pode falar, em que circunstância o sujeito está falando, os diversos contextos e mecanismos de procedimentos externos que interpelam o discurso. Ao associarmos a fala da ministra Damares Alves ao pensamento foucaultiano nos reportamos ao livro *A Arqueologia do Saber* (2007) para pensarmos na ruptura necessária que devemos ter diante das continuidades do jogo discursivo, que difunde e normaliza de maneira tradicional enunciados e ideias trazidas de cada indivíduo. Segundo Foucault (2007, p. 28),

essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer forma, não podem mais ser admitidas.

Desta forma, o discurso da ministra Damares Alves refaz um enunciado que corrobora com um conjunto sistemático e integrado de elementos inscritos nos discursos da sociedade. Isso permite entender que esse objeto, seja ele acontecimento ou ideia, neste caso específico a fala “menino veste azul e menina veste rosa”, pode aderir a diferentes formas e estar presente em diferentes momentos da história, pois o mesmo enunciado repetido e difundido por tantas vozes e sujeitos, mostra as diferentes condições e possibilidades históricas que são reproduzidas.

É preciso ter em mente que os discursos são capazes de guardar semelhanças, pois para que estes sigam adiante é preciso que tenham um pacto de regularidade. É nesse sentido ainda que Foucault (2014) vai destacar que “os dis-cur-sos de-vem ser tra-ta-dos como prá-ti-cas des-con-tí-nu-as, que se cru-zam por ve-zes, mas tam-bém se ig-no-ram ou se ex-clu-em” (p. 50), pois terão sentidos e significados variando conforme os tempos e espaços distintos.

Entendendo ainda que por meio do discurso compreendemos o contexto em que estamos inseridos, é válido destacar que o que nos é dado a conhecer é resultado de um discurso, de uma construção discursiva, de um conjunto de enunciados que vão sendo repetidos e disseminados até que sejam incorporados pelos indivíduos como “verdades”.

É o discurso também uma instância que abriga poder e saberes. E a fala da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos não é “inocente”. Não há signo sem ideologia. Assim, ao disseminar que “é uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa” (ALVES, 2019), Damares Alves não traz em sua fala algo inédito, mas sim informações que estão presentes social, histórica e culturalmente em nosso cotidiano. Um discurso que carrega consigo uma suposta “verdade” e que está incorporado socialmente. E sobre “verdade”, Foucault (1979) vai dizer que esta não estará fora do poder e estará vinculada diretamente ao discurso.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (p. 12).

É compreendendo esse regime de “verdade” e os tipos de discursos sancionados e valorizados socialmente que nos possibilitam a condição de escolhermos “como estar”

diante do que é disseminado, contribuindo para que conjuntos de enunciados, como os ditos por Damares Alves, sejam questionados.

Sujeito e identidade a partir de Foucault

Entendendo que discurso é uma categoria permeada de saberes, poderes e ideologias, se faz necessário discorrer também sobre sujeito e identidade, a partir dos pensamentos de Foucault. Porém, como forma de complementar as discussões, trazemos Eni Orlandi (2020), em sua obra *Análise do Discurso*, que vai ressaltar a ideologia como condição para constituição do sujeito e dos sentidos.

O sentido é uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia (p. 45).

Desta feita, o discurso proferido pela ministra Damares evidencia uma “ignorância” sobre os processos históricos, sociais e culturais que são constitutivos dos sujeitos. É preciso entender a partir dos discursos ditos que há um conjunto de convenções e significados sobre o posicionamento do que está sendo revelado e a língua nesse processo entra como instrumento nessa difusão. Além disso, a fala de Damares Alves também irá marcar, por meio de compreensões ideológicas, quem serão e como serão os sujeitos denominados por ela.

Convém enfatizar que o sujeito da AD não é, nesse contexto, o indivíduo, um sujeito empírico; mas o sujeito do discurso produzido historicamente. Deste modo, em relação ao sujeito, Foucault (2014) vai definir tal termo como sendo aquele que estará encarregado de dar vida às formas vazias da língua.

É ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicitar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento. Na sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, marcas, traços e letras (FOUCAULT, 2014, p. 36).

A partir dessa definição percebemos que para Foucault (2014), o sujeito também será aquele indivíduo, que imbuído de poder e saberes, será responsável por constituir discursos, ampliar significações outras e/ou reforçar aquelas já disseminadas como “verdades”. Nesse sentido, destacamos a leitura feita por Rosa Maria Bueno Fischer (2013) sobre Foucault, na obra *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*, que se refere às discussões sobre sujeito e suas implicações no jogo discursivo.

Na análise do discurso foucaultiano, falar de sujeito do discurso é, igualmente, multiplicar o sujeito, mostrar as diferentes formas de pensá-lo: quem fala neste texto? E de que lugar fala? De que autoridade se investe alguém para falar aqui e não em outro espaço? Quem pode falar sobre isto? Quais as regras segundo as quais a alguém é permitido afirmar isto ou aquilo, neste ou naquele lugar? Quando fazemos essas perguntas, assumimos um modo foucaultiano de complexificação do tema do sujeito (p. 133).

Com isso, na situação envolvendo a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, percebemos sujeitos distintos, estando em primeiro lugar aqueles que serão nomeados e categorizados por ela; assim como também a própria autora da frase estará na posição de sujeito, sendo ela a detentora do poder em dizer quem serão aqueles que deverão usar azul e rosa.

Por esse motivo, compreendemos a importância, de maneira breve, de rememorar outras falas da ministra Damares Alves, visto que sua declaração sobre “menino veste azul e menina veste rosa”, não figura como fato isolado, no que diz respeito às discussões de desigualdade de gênero, e que podemos relacionar com as reflexões já apresentadas sobre discurso, poder e sujeito.

No contexto aqui analisado, Damares Alves é apresentada como “pastora evangélica, ativista pró-vida, que possui vínculos de longa data com membros da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), chegando inclusive a ser assessora parlamentar (2003-2019) do ex-senador Magno Malta” (NEVES, J.; WACHHOLZ, R, 2022, p. 162), que também é pastor. Antes mesmo de sua posse como ministra, em dezembro de 2018, ela fez questão de enfatizar a relação entre meninos e meninas, príncipes e princesas.

No momento em que coloco a menina igual o menino na escola, o menino vai pensar: ela é igual, então pode levar porrada. Não, a menina é diferente do menino. Vamos tratar meninas como princesas e meninos como príncipes (ALEGRETTE, 2018).

Também na data de sua posse, em 02 de janeiro de 2019, a chefe do MMFDH, declarou: “Ninguém vai nos impedir de chamar as meninas de princesa e os meninos de príncipe. Vamos acabar com o abuso da doutrinação ideológica” (A GAZETA, 2019). Em maio do mesmo ano um vídeo antigo acabou viralizando nas redes sociais, no qual a ministra afirmava que a princesa Elsa, personagem de uma animação da Disney, terminava o filme sozinha em um castelo de gelo, por ser lésbica. “Sabe por que ela termina sozinha em um castelo de gelo? Porque é lésbica! O cão está muito bem articulado e nós estamos alienados” (SOBRINHO, 2019). No início deste mês, Alves usou suas redes sociais para fazer uma comparação entre o governo de Luís Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro, a partir de uma temática envolvendo as questões de gênero.

Gente, eu juro pra vocês que eu tentei me comportar. Eu tentei, mas eu não consigo. Eu não consigo. Sabe qual é a diferença de um governo conservador para um governo de esquerda? Dá uma olhadinha. No governo passado, gastava-se dinheiro para desprincesar meninas. É! Palavra estranha, né? Desprincesamento. Eles queriam acabar com as princesas do Brasil. Um pai não podia mais chamar a menina de princesa, nem mãe. Aí vem esse governo aqui, e olha o que acontece. (risos) Nós estamos princesando as meninas. Uau! Bolsonaro, lobo mau dos comunistas. Michelle, o terror das bruxas (ALVES, 2022).

Os estudos foucaultianos (1995) sobre sujeito não decorrem apenas de uma definição unitária do ser, mas de uma análise fundamentada no seu momento histórico, no alicerce político no qual esse sujeito está situado. É também fundamental a compreensão do enredo econômico que influencia e manipula as ações do sujeito, pois Foucault (1995) vai demonstrar ao longo das suas discussões que a identidade do sujeito é construída através dos discursos e das relações de poder envolvidas nesse processo.

Ainda de acordo com Foucault (1995), o sujeito é feito das influências que as instituições exercem sobre ele, em determinado momento histórico e desde o seu nascimento, a partir dos diversos discursos disseminados. Nessas instituições, a saber o Estado, a família e a igreja, aplicam-se narrativas que objetivam o controle, a fim de que haja uma base unitária, ao menos naquela teia social, de um domínio do pensamento, exercendo-se um poder perante sua consciência.

Sob a perspectiva foucaultiana, as categorias sujeito e identidade também estarão relacionadas às discussões sobre corpo, já que esse também será produto de práticas culturais, modeladas e manipuladas a partir do discurso. Essa manipulação social sobre

os corpos ainda funcionará como estratégia para a manutenção das relações de poder, que vão estar vinculadas a processos disciplinares existentes em tempos e espaços distintos.

Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações. (...) Esses métodos que permitem controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também (FOUCAULT, 2014, p. 134-135).

Compreendendo essa relação foucaultiana entre sujeito, identidade e corpo é possível perceber como a fala da ministra Damares Alves, ao especificar as cores rosa e azul para meninas e meninos, respectivamente, contribui para manutenção e disseminação de narrativas unificadas e controladas, como também limita os discursos, instituído por supostas “verdades”, determinando e controlando a multiplicidade de cada indivíduo.

Importante ressaltar que, ao mesmo tempo que Foucault nos fala sobre essa manipulação discursiva em relação ao sujeito, o filósofo vai destacar que o próprio indivíduo poderá também, por construções discursivas outras, imprimir processos de resistência. Ou seja, o sujeito também existe após divergir das inúmeras ondas de discursos e narrativas que permeiam a sua vivência e colidem com o seu eu. No momento em que deixa de aceitar as “verdades” multilaterais e pleiteia pela valoração da sua própria identidade, passa a ser de fato um outro sujeito. Ademais, esse processo de metamorfose do indivíduo existe para que o então sujeito possa regularmente instituir suas próprias “verdades”, narrativas, signos e imagens através do seu discurso pessoal, exercendo um novo viés de poder, para ter domínio não apenas da sua identidade, mas também das dimensões nas quais o seu discurso é atingido (FOUCAULT, 1995).

Conclusão

Apoiadas na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, particularmente nas ideias de Michel Foucault, neste trabalho nos detivemos em discutir as categorias: discurso, sujeito e identidade, de forma introdutória. Como suporte para nossas reflexões nos apoiamos basilarmente no discurso “Menino veste azul e menina veste rosa”, de Damares Alves, atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH)

do governo Bolsonaro, como uma forma de observar o entrelaçamento das relações de poder e os diferentes modos de constituição do sujeito.

Quando analisamos os discursos da atual ministra Damares Alves conseguimos perceber/descrever o poder e os saberes envoltos nesses enunciados, em um discurso em que o local, o espaço, o lugar e as pessoas presentes lhe apoiavam, dando a ela o poder necessário para fazer com que seu enunciado (discurso) fosse aplaudido e aceito. Desta feita, os discursos se adaptam e, como descreve Foucault, o poder não está fixo, mas sim disseminado e pulverizado. Nessa conjuntura, o sujeito é uma fabricação histórica que parte de dispositivos e que resultam da junção das relações de poder e de saber, sendo mediados por um “regime de verdade” (FISCHER, 2013). De acordo com a autora:

Para Foucault, interessa esse jogo, essa luta constante, em que as coisas ditas se mostram nessa condição de desejo e poder: desejo de “ter” a verdade, poder de afirmá-la, num movimento permanente pela circulação e pela imposição de sentidos “verdadeiros” [...] Para Foucault, interessa sobretudo essa mobilidade, sem que isso caíamos num relativismo e não percebamos a força de certas verdades e certas posições do sujeito (FISCHER, 2013, p. 132).

No caso do discurso supracitado, se a referida ministra apresentasse esse mesmo discurso em um local fora do seu domínio político, aparentemente não teria a mesma forma que demonstra quando está num ambiente do seu micropoder. Por isso, nos enxergamos como indivíduos imbuídos de poder, o que nos possibilita a desconstrução e construção de discursos impostos social, cultural e historicamente. Somos sujeitos do/no discurso e precisamos compreender essas estruturas para desfazer as construções discursivas que nos são dadas. Somos sujeitos de saberes e por isso temos a escolha de nos posicionarmos e nos apresentarmos diante dos discursos que são disseminados socialmente.

Nesse sentido, a fala da ministra demonstrou um posicionamento ideológico, político, social e religioso sobre o gênero masculino e feminino. Assim, convém lembrar que, em “diferentes ocasiões, e a propósito de temas, por vezes, bem distintos entre si, Foucault reafirmou a condição primordial do discurso como luta, como batalha, e não como “reflexo” ou “expressão” de algo” (FISCHER, 2013, p. 124-125). Nessa perspectiva, Fischer (2013) enfatiza que quando dizemos

que analisar discursos, com Foucault, significa aceitar a raridade das coisas ditas (ou dos enunciados), trata-se certamente de uma espécie de atitude diante da vida, uma atitude ética e política, e também intelectual,

pela qual assumimos que não há uma identidade entre nós mesmos e aquilo que investigamos, e que pensar é sempre navegar em meio a diferenças (p. 126).

Assim, diante das narrativas já estabelecidas, como milhares de discursos institucionalizados, interpretando o protagonismo na esfera social, surge o sujeito, desejando o usufruto do poder através da elaboração de um novo discurso, em inconformidade com as prerrogativas já pregadas.

Para finalizarmos, ressaltamos que as categorias aqui abordadas pela perspectiva foucaultiana não contemplam todos os conceitos por ele mobilizados, haja vista que recortamos apenas uma fatia de sua produção intelectual. Estamos cientes de que nossa análise, por hora provisoriamente exaurida, pode se apoiar e aprofundar em outros aspectos, tratando de cultura, representação e desigualdade de gênero, por exemplo.

Referências

ALEGRETTE, Laís. Vamos tratar meninas como princesas e meninos como príncipes, dia Damares. **Amazonas Atual**, Manaus. 11 dez. 2018. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/vamos-tratar-meninas-como-princesas-e-meninos-como-principes-diz-damares/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

ALVES, Damares. Olha que enorme diferença de um Presidente comunista para Presidente conservador!!!. 1 fev. 2022. **Instagram**: damaresalvesoficial1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZdKlfbNu7C/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Michel Foucault. *In*: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. *In*: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229 - 249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENINA será princesa e menino, príncipe, diz Damares Alves. **A Gazeta**, São Paulo. 4 de jan. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/opqFZ>. Acesso em: 18 fev. 2022.

NEVES, J. de M., & WACHHOLZ, R. de O.. (2022). A influência da religião na atuação de Damares Alves na Organização das Nações Unidas (ONU). **Plural**, 28(1), 161-183. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2021.176957>. Acesso em: 18 fev. 2022.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 13 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SOBRINHO, Wanderley Preite. Em nova polêmica, Damares diz que Elsa, de Frozen, é lésbica. 12 mai. 2019. **UOL Notícias**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/syY58>. Acesso em: 18 fev. 2022.